

Vozes de *Notre-dame*: as estratégias do discurso religioso na organização urbana¹

Helder Rodrigues Pereira

Professor coordenador do projeto de pesquisa *Vozes de Notre-Dame: análise do discurso religioso na organização institucional*. Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) - curso de Psicologia.

rodrigueshelder@msn.com

Resumo

É preciso falar das cidades. Nunca se terá falado suficientemente sobre elas. Seus espaços constitutivos, os edifícios públicos, os *boulevards*, os becos, os guetos e o subúrbio se revestem continuamente de um caráter significativo, sem o qual o urbano não pode ser compreendido. A cidade é polissêmica. Não há um único sentido capaz de conter-lhe os significados. Não obstante, para fins de direcionamento de pesquisa, elegemos um dos significantes da cidade: as margens. O Ocidente tem certa obsessão por limites. A *civitas* se forma a partir de uma compreensão mais ou menos clara entre dois oponentes: um que é afeito à cidade e outro que lhe é avesso. Dentre os vários discursos que perpassam a formação urbana, um deles é o religioso. A religião apresenta-se a si mesma como instituição capaz de promover a inclusão dos que se afastam de certo ideal propalado. Neste artigo, a proposta é analisar o discurso religioso com base em suas estratégias argumentativas e, a partir dele, traçar um esboço para a compreensão do espaço urbano.

Palavras-chave: Cidade; discurso; argumentação; subúrbio.

¹ Este artigo é o resultado dos trabalhos do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso do Curso de Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) - Barbacena, Minas Gerais. A pesquisa, desenvolvida durante o ano de 2010, contou com o apoio da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular (Funadesp). Participaram da pesquisa os seguintes alunos de iniciação científica: Bárbara Gecy Pereira Loschi; Cássia Christina de Assis Almeida; Isabella Maria Pires Mendonça; José Vitor Gonçalves de Souza; Leila Leandro de Paiva; Lílian Silveira de Paula; Marcos Paulo da Silva; Raquel Mendonça de Oliveira.

Introdução

A proposta central da pesquisa apresentada é a compreensão do espaço urbano pela via simbólica. Sabemos que a cidade encerra vários símbolos. Ela não é apenas o que se vê, mas principalmente o que dela se imagina. O cidadão, sem dúvida, é constituído a partir da imagem que faz da cidade. Não podemos afirmar que ele é determinado por ela, mas que entre ambos há uma relação de reciprocidade que pode ser desvelada a partir da compreensão dos símbolos e principalmente do uso que é feito deles. Afirmar que a cidade é polissêmica é, em alguma medida, remeter-se aos seus princípios míticos que a designam por Babel: lugar onde as pessoas não se entendem e em cujo contexto, toda tentativa de uniformidade está fadada ao fracasso.

Não obstante, os homens se reúnem em torno de cidades. Mesmo sabendo que seus projetos ousados de conquistar os céus (BÍBLIA HEBRÁICA, 2006) não são capazes de sustentar sua ambição, os homens constroem suas torres simbólicas numa tentativa de fazer ordenar o ambiente urbano e torná-lo habitável, civilizado, designando a cidade como *topos* privilegiados de realização do ideal humano de socialização². Para estabelecer o reino da ordem, há que se designar o seu contrário - a desordem - e, para separá-los, uma muralha de pedra. Esta é a configuração simbólica da cidade: os homens que se comportam de conformidade com as regras e aqueles que as transgridem por admitirem em suas vidas comportamentos alheios ao modelo designado pela lei.

Com o passar do tempo, as cidades foram perdendo suas muralhas, mas não a função de designar os cidadãos e os suburbanos. As muralhas deixam de ser pétreas e passam a ser formadas por um material mais fluido, mas nem por isso menos eficiente em conter e afastar.

Entretanto, cidade e subúrbio se complementam e ne-

² Que pesem as considerações contrárias, como as de Freud (1929/1976), para quem a vida social é origem de todas as neuroses.

cessitam um do outro. Um não vive sem o outro. Com a finalidade de demonstrar essa particularidade da *civitas*, a saber, a interdependência entre o fiel à lei e o estranho a ela, a proposta deste artigo é apresentar uma análise argumentativa do discurso religioso por acreditarmos que a religião é uma das mais ousadas tentativas humanas de conter os símbolos e seus sentidos. Para tanto, elegemos cinco texto das homilias da Paróquia de Nossa Senhora de Genebra (*Paroisse Notre-Dame de Genève*) em sua versão original (ANEXOS) para estabelecer as relações supra propostas.

Algumas questões se apresentaram *a priori*: o que se afirma sobre Genebra pode ser afirmado para qualquer outra cidade? Os limites da língua e da geografia podem significar um problema para a pertinência dos resultados? Certamente que os limites da língua foram um desafio, mas não um empecilho. A leitura dos textos no original em francês colocou-nos diante de um problema que deve ser devidamente evidenciado: os sentidos das palavras, por vezes, nos escapavam - havia que se buscar por eles não nos dicionários, mas nas publicações ordinárias a fim de encontrar um sentido que se lhes aproximasse. Atingimos esse objetivo com clareza. Sobre a problemática das generalizações, bem compreendemos o quanto são perigosas e, por isso, abdicamos de fazê-lo.

Todavia, Braudel (1997) afirma que não importam as localizações no tempo ou no espaço: uma cidade é sempre uma cidade e a semelhança entre elas está na sua capacidade de atrair as pessoas e por serem lugares onde elas se sentem participantes da grande humanidade. Do ponto de vista simbólico, a cidade de Genebra, com suas configurações específicas, não se encontra definitiva e totalmente afastada de quaisquer outras cidades. Há algo que lhes assemelha: a relação com o que reflete a imagem ideal no espelho das ruas e com aquele que reflete uma imagem grotesca da civilização.

Antes de passarmos à análise dos textos, faremos uma

breve exposição sobre o discurso religioso e sua influência na concepção do ideal urbano.

1 Discurso religioso: uma revisão sobre sua importância social e seus aspectos constituintes

Presentemente, elucidaremos o que chamamos de discurso religioso e nomearemos suas especificidades. Sabemos que a instituição religiosa é uma das várias instituições criadas pelos indivíduos na sociedade. Diante disso, para compreendermos qual a relação que se estabelece entre o discurso religioso e seus ouvintes, devemos primeiramente compreender quais as relações entre o indivíduo e a sociedade.

Durkheim, sociólogo francês, escolhe por objeto de seus estudos os “fatos sociais”. Para tal, trabalhou em termos dicotómicos, separando indivíduo e sociedade. Porém, com a crise na psicologia social, o foco muda e essa dicotomia é superada. Desde então, passou-se a pensar que as características individuais apontam para o coletivo.

Berger (1985) diz que a sociedade é um produto humano. Homem e sociedade estariam num movimento dialético. Os outros animais, quando nascem, ingressam no mundo e seus instintos os direcionam para o universo do qual farão parte. Segundo Berger (1985) esse é um mundo programado pela própria constituição do animal. Com o organismo humano não é assim que acontece. Os instintos do homem ao nascer não lhe dirigem a um ambiente específico. O homem chega e encontra um mundo aberto, amplo, repleto de possibilidades. Assim, ele o constrói para si e, nesse mundo, se estabelece e vive.

Dessa forma, o homem produz-se a si mesmo num mundo que ele mesmo construiu (Berger, 1985). O mundo criado pelo homem é a cultura marcada pela instabilidade e não fixidez, o que representa para o homem um desafio: O de manter funcionando esse mundo que ele mesmo criou. A cultura criada é a material e a não-material. Como representante da primeira, podemos citar os diversos instrumen-

tos criados com o objetivo de manipular a natureza a seu favor. Em relação à segunda, temos a sociedade.

A sociedade é uma parcela essencial da cultura humana. Só é possível a construção e manutenção de elementos e objetos culturais através da coletividade. Em algum momento da história, os homens conceberam a instituição religiosa e a mesma só existe porque existe uma coletividade que mantém sua duração. Segundo Berger (1985), o mundo criado pelo homem assume um caráter de realidade objetiva. Por sua consciência subjetiva, o homem é capaz de criar inúmeros elementos culturais. Estes, por sua vez, quando reconhecidos coletivamente, ganham uma objetividade, tornando-se realidades. A objetivação acontece tanto para os aspectos materiais da cultura quanto para os não-materiais. É importante ressaltar que uma vez criados, os elementos culturais não podem ser facilmente desfeitos: a cultura resiste.

Assim, a cultura existe fora da consciência subjetiva do homem enquanto objeto do mundo real, podendo ser experimentada por todos. Da mesma forma, a sociedade também ganha tal objetividade. Ela apresenta-se ao homem como algo exterior que vem sancionar, controlar e punir suas condutas. “Nenhuma construção humana pode, a rigor, ser chamada de fenômeno social a não ser que tenha atingido aquele grau de objetividade que obriga o indivíduo a reconhecê-la como real” (BERGER, 1985, p. 23).

Pela socialização, as novas gerações recebem todas as características da sociedade que perdurou no tempo. Desse modo, a sociedade já existia mesmo antes do nascimento do indivíduo. No processo de socialização, o indivíduo aparece como ativo, recebe as normas sociais e, a partir delas, dá sentido à sua própria vida. As normatizações sociais são passadas ao indivíduo através da linguagem. O indivíduo acaba interiorizando essa normatização e a usa como ordenadora de sua existência. As estruturas institucionais, segundo Berger (1985), são guardiãs de normas e sentidos.

Quando o indivíduo se nega a participar de padrões institucionais de normalidade, ele acaba ficando relegado,

deixado à margem pela sociedade e sofrendo uma imensa tensão psicológica. O programa sexual de uma sociedade que é passado e mantido, dentre outros, pela instituição religiosa é um exemplo de como o sujeito sofre tensões quando se depara com o avesso ao modelo proposto. Quando uma normatização é aceita pelo indivíduo como óbvia, evidente, seu sentido passa a ser considerado como fundamental e inerente ao universo (BERGER, 1985).

Pela religião, o homem estabelece um cosmo sagrado. Para Berger (1985), tal cosmo tem poder misterioso e temeroso, capaz de atribuir características psicológicas aos seres e às coisas, tornando-os afastados, temidos e respeitados pelo conjunto das pessoas que os criaram. Um cosmo assim ditado pela religião aparece como exterior ao homem, que o transcende, sendo imensamente poderoso. Esse cosmo aparece também como uma realidade que se dirige ao homem, dando significado às suas construções e protegendo-o contra pânicos, por exemplo. Nessa visão, todo desvio à normatização objetivada é visto como profano.

Ainda dentro dessa concepção, os mundos construídos pelo homem são sagrados. A religião ocupa um papel extremamente necessário na medida em que faz com que as normas pareçam naturais, advindas de força superior e que, ao segui-las, o homem estaria protegido contra os desastres. “A religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (BERGER, 1985, p. 41). Assim, torna importante a compreensão do discurso religioso como base para o espaço urbano, dado seu papel na formação e ordenação social.

A fim de fazer essa compreensão, faz-se igualmente necessário um estudo mais aprofundado das características que compõem essa forma discursiva. À guisa de tal propósito, explicitamos diversos conceitos, todos embasados nos estudos da linguista Cleide Emilia Faye Pedrosa, cujas pesquisas contribuem para pensarmos as articulações que essa forma discursiva estabelece com a cidade.

Inicialmente, para falarmos do discurso religioso, pre-

cisamos distinguí-lo do teológico. O primeiro é aquele que faz com que a voz de Deus seja ouvida de uma forma mais abrangente, de maneira que busque interpelar um grande número de pessoas. Há uma relação direta e espontânea com o sagrado. Já o segundo, o discurso teológico, é uma forma mais acadêmica de falar da religião, ou seja, não é de fácil compreensão para todos. Neste, há a necessidade de um mediador entre o sujeito e o sagrado.

Nessa forma discursiva, teremos também diferenciações no que concerne às especificidades do discurso “esotérico” e “exotérico”. Quando se trata do “esotérico”, podemos pensar num discurso que é destinado àqueles que são membros de determinada instituição. Para entender esse discurso, é preciso dominar os mesmos símbolos que os membros dessa instituição dominam, caso contrário, ele se tornaria incompreensível. O discurso “exotérico”, ao contrário, é mais abrangente e pretende alcançar a todos indistintamente.

Entender essa diferenciação ajudaria os membros de uma instituição religiosa a estabelecer uma comunicação de forma mais eficaz. Isso porque muitas vezes eles estão tão imbuídos de seu discurso, que não percebem o quanto pode ser difícil para quem não compartilha dos símbolos, entendê-los. Um desafio para os líderes religiosos seria transformar o discurso “esotérico” em “exotérico”, afim de que ele realmente tenha um sentido para os interlocutores.

As instituições de forma geral usam do discurso “esotérico” com a finalidade de atingir algumas de suas funções principais. São elas: “função pedagógica”, uma forma de garantir, por meio do discurso, a aprendizagem e a transmissão das crenças da instituição. Quando isso é feito para indivíduos que não pertencem àquela instituição, o discurso se faz de forma “exotérica”; “função simbólica”, nela o discurso não é de fácil compreensão. Só é entendido por aqueles que estão na mesma ordem do discurso, ou seja, que compartilham dos mesmos símbolos; “função mobilizadora”, é um discurso que vem para defender os

valores da instituição. “Observa-se que há uma mobilização da liderança quando identifica que alguns dos valores defendidos estão caindo por terra” (PEDROSA, 2007, p. 2); “função reparadora” é responsável por restabelecer a ordem quando uma regra é desrespeitada. Após a observação das funções expostas, fica claro que as instituições têm certos objetivos a cumprir que venham atender seus membros.

O discurso religioso vem carregado de peculiaridades. Dentro elas, podemos citar a assimetria presente na relação que se estabelece entre o locutor e o ouvinte. O locutor estaria no plano espiritual, seria o “veículo” para a voz de Deus ou então o próprio Deus. Já o ouvinte estaria no plano temporal, caracterizado, assim, pela finitude e mortalidade. Haveria uma distância muito grande entre esses dois planos.

Outro aspecto que podemos levantar é que a voz de Deus se faz presente por meio de seus representantes (padre, pastor etc.). Nesse aspecto, surge a mistificação, essa apropriação que se faz da voz de Deus sem explicar os mecanismos de incorporação. Nessa apropriação, o ideal é que o representante não lhe faça modificações. Ao se interpretar a palavra de Deus, os sentidos deveriam ser monossêmicos. Para isso, tal interpretação é feita de forma regulada. Porém, isso é uma ilusão, pois todo discurso é polissêmico. Ainda nessa forma discursiva, teríamos dualismos representados pelo plano humano e o espiritual; é nesse ponto que se encontra a ilusão de reversibilidade, a ilusão está na concepção de que seria possível passar de um plano para o outro.

Ainda com relação ao discurso religioso, podemos observar outras três características importantes. A primeira é a intertextualidade, que afirma que todo discurso religioso vai estar ligado a outro dito anteriormente. Sendo assim, ele é o comentário de um discurso original que, por sua vez, não tem relação com o contexto imediato no qual é proferida a enunciação. A segunda característica é a homogeneidade ideológica. Ela pressupõe que dentro da religião existe uma subdivisão paralela aos grupos sociais, e isso explica o aparecimento de religiões populares

dentro de uma mesma crença religiosa. Por fim, temos o discurso profético que explora os aspectos do contexto no qual é formulado e ao mesmo tempo busca ocultar esse fato.

Orlandi (1996 *apud* PEDROSA, 2007, p. 04) faz uma diferenciação entre marca e propriedade do discurso religioso. Essa diferenciação nos permite pensar não só na forma como esses discursos se organizam, mas também nas relações que estabelecem com o mundo externo. A propriedade seria o discurso em sua totalidade e a relação com a exterioridade. Sua função seria oferecer estabilidade. Já a marca pode ser entendida como a organização interna do discurso.

Como características da “propriedade” do discurso religioso, teríamos a não-reversibilidade, ou seja, a incapacidade de fazer a ultrapassagem do plano temporal para o espiritual. Além disso, haveria também o princípio da não-autonomia daquele que representa a voz de Deus. Uma vez que “ele sempre será um interlocutor do Sujeito que representa” (PEDROSA, 2007, p. 04).

Já a “marca” do discurso religioso traz como característica a dessimetria entre os planos espiritual e temporal. Se a “marca” é a organização interna do discurso e a dessimetria é o ponto pelo qual ele pode ser identificado, veremos esse discurso se organizar por meio da antítese que, por sua vez, aparecerá pelo mecanismo gramatical da negação. Em suma, é negando determinado aspecto que aparece o oposto a ele e fica clara a dessimetria entre ambos. Essa é a “marca” que podemos observar na forma como o discurso religioso se organiza.

Existem outros pontos na forma como esse discurso se estrutura, são eles: a exortação, o enlevo e a salvação. A exortação visa a uma identificação da comunidade a qual esses sujeitos pertencem. Ainda nesse primeiro ponto, temos a denegação na qual nega-se um aspecto negativo para afirmar um que seja positivo. A palavra exortação assume então seu sentido primordial. O discurso religioso, por meio da exortação, vem incitar/animar as pessoas a aderirem à determinada crença através da identificação que provoca e

da afirmação do positivo. O enlevo propõe uma elevação do mundo temporal para o espiritual na medida em que as pessoas buscam se identificar com os propósitos divinos. A salvação seria o ponto de interseção entre o propósito de Deus e o dos homens. Ela é vista como o desejo de ambos. Esse três aspectos podem ser observados claramente no discurso religioso e exercem uma função importante na forma como ele se organiza.

Compreender o discurso religioso é compreender as diversas formas como ele se apresenta, levando em consideração os objetivos a que se propõe, ou seja, os efeitos de sentido que pretende causar nos interlocutores. Então, analisar um discurso é atentar para suas especificidades, assim como as articulações que faz estabelecer.

2 As homilias paroquiais e sua relação com o discurso urbano

Percebemos a importância do discurso religioso como o discurso sobre a cidade e a sociedade que a compõe. A fim de realizarmos a pesquisa, foram coletadas algumas homilias publicadas pela Paróquia de *Notre-Dame* de Genebra, na Suíça (ANEXOS).

Com base constitutiva nelas, temos as leituras do evangelho efetuadas durante a celebração do ritual católico romano. Elas têm como autores os responsáveis pela mesma paróquia e, de acordo com o gênero discursivo no qual se enquadram, são prédicas com uma função moral para o auditório ao qual são destinadas

A primeira homilia em análise tem por título *Um homem tinha dois filhos* (*Un homme avait deux fils*), coletada em 27/28 de setembro de 2008, 26º domingo comum³, pelo Abade Pascal Gobet. A segunda homilia é *Tristeza na vinya* (*Tristesse dans la vigne*), coletada em 4/5 de outubro

³ Para a celebração do ritual religioso, o ano litúrgico está dividido em tempos: tempo do advento (que comemora a espera de Jesus Cristo); tempo do Natal (que comemora o nascimento de Jesus Cristo); tempo comum; tempo da quaresma (que precede a comemoração da Paixão de Jesus Cristo) e tempo da Páscoa (que comemora a ressurreição de Jesus Cristo).

de 2008, 27º domingo comum, pelo Abade Michel Demierre. A terceira homilia em análise é *Ela usou o vestido das bodas* (*Elle portait le vêtement de noce*), coletada em 11/12 de outubro de 2008, 28º domingo do tempo comum, pelo Abade Pascal Gobet. A quarta homilia é uma mensagem de Bento XVI pela jornada mundial das missões (*Message de Benoit XVI pour la Journée Mondiale des Missions 2008*), coletada em 19 de outubro de 2008, 29º domingo comum. A quinta e última homilia em análise é *Por um clima de amor* (*Pour un climat d'amour*), coletada em 25/26 de outubro de 2008, 30º domingo do tempo comum, pelo Abade Michel Demierre.

A partir de tais textos, fizemos a análise argumentativa, tendo por base o *Tratado da Argumentação - a Nova Retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Primeiramente é necessário dizermos que para que exista uma argumentação, é mister no mínimo “uma linguagem em comum, de uma técnica que possibilite a comunicação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 17). Contudo, somente isso não basta, segundo esses autores, devemos estabelecer um “ contato, entabular uma discussão”. E isso se dá sob “um acordo prévio resultante das próprias normas da vida social” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 17), onde há regras para se iniciar um diálogo. “Para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 18).

O locutor precisa admitir que para persuadir, deve “pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 18). Isso porque é extremamente importante o contato dos espíritos, isto é, um contato intelectual para atingir a mente, os pensamentos e a energia mental do interlocutor para que tenha sua atenção.

Na argumentação existe uma relação primordial e de muita importância: a que se dá entre o orador e seu auditó-

rio. Contudo, o contato entre eles “não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 21). Alguns oradores têm sua fala mediada por uma instituição ou sociedade específica que estabelece um vínculo indispensável entre aqueles, facilitando assim o contato dos espíritos. Todavia, “o papel do autor é apenas manter, entre ele e o público, o contato que a instituição possibilitou estabelecer” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 20). Esse aspecto pode ser observado no contexto sobre o qual temos discorrido, pois os oradores das ditas homilias se utilizam da instituição Igreja enquanto facilitadora desse contato para expor sua retórica.

Contudo, “nem todos se encontram numa situação tão privilegiada” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 20) e então precisam fazer-se ter a atenção do seu auditório alvo, pois para que se desenvolva uma argumentação, é necessário que aqueles aos quais a fala se destina prestem a devida atenção. Para que a transmissão do conteúdo seja eficiente, isto é, para que o orador tome a palavra e seja ouvido, seu discurso precisa ter qualidade retórica. Em determinados auditórios, é melhor que o orador se dirija verbalmente, já em outros, a preferência é o discurso escrito. Tendo em vista esse aspecto, observamos que no discurso religioso apreciado, o orador se expressou nas duas formas: a escrita, pelas homilias e a verbal, realizada durante as respectivas celebrações rituais.

É interessante observarmos que o falante sem a qualidade de orador não será ouvido e, em algumas circunstâncias, nem será autorizado a fazer uso da palavra. Na maioria das ocasiões, ele terá que preencher certos pré-requisitos, tendo funções em que somente ele está autorizado a usar a palavra. Enquanto orador do discurso religioso observado, cumpre que seja homem e portador da autoridade a ele confiada pela Igreja Católica para discursar aos fiéis, que são o público alvo das retóricas verbais das homilias.

Quanto ao auditório, a conjectura que fazemos em matéria de retórica é que ele é

o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22).

Podemos identificar o auditório ao qual os oradores dessas homilias querem se dirigir pelo trecho a seguir: “O mandado missionário continua a ser uma prioridade absoluta para todos os batizados, chamado a ser ‘servidores e apóstolos do Cristo Jesus’ [...] a vocação própria da Igreja [...]”⁴ (BENTO XVI, 2008, tradução nossa).

“O auditório presumido é sempre, para quem argumenta, uma construção mais ou menos sistematizada” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22). Então, é imprescindível que essa construção “não seja feita inadequada à experiência [...] mas, o mais próximo quanto o possível da realidade” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22). Assim, “o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 23). Para conhecê-los, é necessário inteirar-se da cultura a qual estão inseridos e quais “as funções sociais cumpridas pelos ouvintes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 23).

Há também a possibilidade de essas funções serem alteradas e os ouvintes consequentemente mudarem, fato que o orador não pode ignorar. Isso é compreensível no seguinte trecho, que retrata o conhecimento que o locutor tem da cultura e da realidade dos seus interlocutores: “Atualmente, todas as regras podem ser registradas em apenas um pen drive, permitindo a um computador desenvolver em um clique esses preceitos”⁵ (DEMIERRE, 2008, tradução nossa). “É muito comum acontecer que o orador tenha de per-

⁴ “Le mandat missionnaire continue d’être une priorité absolue pour tous les baptisés, appelés à être ‘serviteurs et apôtre du Christ Jésus’ [...] la vocation propre de l’Église [...]”.

⁵ “Aujourd’hui, toutes ces règles pourraient être enregistrées sur une seule clé USB, permettant à un ordinateur de restituer em um clic ces préceptes”.

suadir um auditório heterogêneo, reunindo pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou funções” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 24), como constatamos nestes trechos da homilia: “Caros irmãos e irmãs [...]”⁶ (BENTO XVI, 2008, tradução nossa); “O Evangelho deste domingo apresenta [...] uma parábola que lembra as relações de Deus com a humanidade, portanto, com qualquer um de nós”⁷ (GOBET, 2008, tradução nossa).

O orador deverá ter uma boa argumentação para conquistar a apreciação de diferentes indivíduos, “não se concebe o conhecimento do auditório independentemente do conhecimento dos meios suscetíveis de influenciá-lo” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 205, p. 26). Isso porque existe o condicionamento dos sujeitos, ou seja, fatores extrínsecos que influenciam e/ou têm sérias implicações sobre a vida deles. Conhecendo esses fatores, o orador pode direcionar melhor sua argumentação, pois é ciente do que pode persuadir o auditório, dando-lhe mesmo a percepção da aceitação do discurso pelos ouvintes. Para exercer esse condicionamento de forma a aproximar-se mais do auditório, o orador pode utilizar meios diversos. Neste contexto, vemos que o orador se utiliza de citações da Bíblia, pressupostamente tida como verdade, para aproximar seu discurso do auditório e ter meios para influenciar suas mentes: “‘Eu [Jesus] não vim abolir [a lei], mas cumprir... aperfeiçoar’ (Mt 5:17)”⁸ (DEMIERRE, 2008, tradução nossa).

O importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daquele a quem ela se dirige [...] É, de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 26-27).

A obrigação do orador de adaptar-se ao seu auditório traz consigo uma regra na qual cada argumento tem a sua forma e momento apropriados a certas circunstâncias. As

⁶ “Chers frères et soeurs...”

⁷ “L’Evangile de ce dimanche présente [...] une parabole évoquant les relations de Dieu avec l’humanité, donc avec chacun d’entre nous”.

⁸ “Je ne suis pas venu abolir, mais accomplir... perfectionner’ (Mt, 5’17)”.

sim, o contexto do discurso religioso não deve ser ignorado, como podemos ver no trecho da seguinte homilia, que foi escrita no chamado Ano Paulino: “o Ano Paulino, que nos oferece a oportunidade de nos familiarizar com este insigne Apóstolo [...]”⁹ (BENTO, XVI, 2008, tradução nossa). Então, o locutor utiliza sua argumentação num momento e épocas apropriados ao contexto de seus interlocutores.

A partir do que foi dito anteriormente, podemos perceber que os auditórios são muito variados. Assim, o orador vê-se confrontado com inumeráveis problemas, podendo ser este um dos motivos para o despertar do interesse pela argumentação, isto é, a busca de uma objetividade, seja qual for sua natureza, correspondente a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 29).

Dentro da argumentação, temos duas palavras de extrema importância que serão abordadas com ênfase: persuadir e convencer. “Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 30). Também se diz que na persuasão, “o indivíduo se contenta com razões afetivas e pessoais [...] e, em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional de adesão, convencer é mais do que persuadir” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 30). Então, os autores propõem que devemos chamar de “persuasiva uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquele que deveria obter a adesão de todo ser racional” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 31).

Percebemos que o locutor do referido discurso fala com intenções persuasivas quando se dirige aos fiéis da Igreja Católica enquanto auditório particular. Simultaneamente, ele tenta convencer seu auditório, utilizando-se de sua retórica, quando diz:

⁹ “l'Année paulinienne qui nous offre l'opportunité de nous familiariser avec cet insigne Apôtre [...].”

O que significa, então, a ‘conversão’ ou o ‘arrependimento’ senão abrir-se à misericórdia e avançar no caminho da vida? Nós somos, de uma vez, o primeiro e o segundo filho da parábola. A qual dos dois daremos mais espaço em nossa vida?”¹⁰ (GOBET, 2008, tradução nossa).

A argumentação direcionada a um auditório particular oferece um inconveniente, “o de que o orador precisamente na medida em que se adapta ao modo de ver de seus ouvintes, arrisca-se a apoiar-se em teses que são estranhas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 34) ou até opostas ao que acreditam as pessoas ali presentes. Dessa forma, fica fácil para o adversário voltar-se contra seu predecessor, contra os argumentos por ele utilizados, “seja opondo uns aos outros para mostrar a incompatibilidade deles, seja apresentando-os à aqueles a quem não eram destinados” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 34).

Tudo isso é visível no seguinte trecho: “Confie, portanto, pois com o Senhor como mestre da vinha, haverá sempre um espaço para a alegria. Na vinha, os gritos de tristeza cederão, cedo ou tarde, lugar ao ‘Aleluia’”¹¹ (DEMIERRE, 2008, tradução nossa). Essa argumentação convence aqueles que fazem parte do auditório universal religioso, que acreditam no Senhor. Sendo assim, “a argumentação dirigida ao auditório universal, e que deveria convencer, não convence toda-via a todos, resta sempre o recurso de desqualificar o recalcitrante, considerando-o estúpido e anormal”(PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 37).

“O sujeito que delibera é considerado uma encarnação do auditório universal” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 45). O homem, mais do que qualquer outro ser, é capaz de experimentar o valor de seus próprios argumentos, com isso “o homem dotado de razão que procura formar-se uma convicção, tem de desprezar todos os procedimentos que visão conquistar os outros”

¹⁰ “Que signifie alors la ‘conversion’ ou le ‘repentir’ si ce n'est s'ouvrir à la fois le miséricorde et aller vers plus de vie? Nous sommes à la fois le premier et le deuxième fils de la parabole. Auxquels des deux allons-nous Donner le plus de place en notre vie?”.

¹¹ “Confiance pourtant, car avec le Seigneur comme maître de la vigne. Il y aura toujours un espace pour la joie. Dans la vigne les cris de tristesse céderont tôt ou tard la place aux ‘Alleluia’”.

(PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 45). É necessário que o homem seja sincero consigo mesmo e creia naquilo que diz. Esse pensamento possibilita ao indivíduo não a defesa de uma tese, mas uma visão de todos os argumentos que tenham algum valor perante seus olhos. Assim, “após ter pesado os prós e os contras, decidir, em alma e consciência, pela solução que lhe parecer melhor” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 45).

Argumentando com o outro, conseguimos compreender de forma mais esclarecida a deliberação consigo mesmo, então o acordo consigo mesmo é apenas um caso particular do acordo com os outros. Conseguimos perceber essa deliberação no seguinte trecho:

“Meu povo - minha vinha - vós que estavais escravizados no Egito, eu vos libertei e plantei numa colina fértil, vós estavais num bom plano de qualidade, eu esperava de vós belas uvas e vós me destes uvas ruins. Eu não comprehendo”, parece dizer Deus. E bem eu vou vos ensinar que não deve ser assim¹² (DEMIERRE, 2008, tradução nossa).

Quando o orador diz “parece dizer Deus”, nos remete que já ouve aí uma deliberação íntima, o que ele faz é esclarecer ainda melhor uma afirmação que já tomou para si.

Há ainda outro trecho que nos exemplifica tal aspecto “Pela ocasião da Jornada Mundial das Missões, eu quero vos convidar a refletir sobre a urgência que ainda permanece de anunciar o Evangelho a nossa época”¹³ (BENTO XVI, 2008, tradução nossa). Nessa parte da homilia, o orador divide com seu auditório uma reflexão íntima feita previamente e aproveita do momento para se esclarecer ainda mais o que conclui.

O que se pretende com a argumentação é provocar e/ou aumentar a adesão à tese apresentada. Uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestara no momento

¹² “Mon peuple - ma vigne - vous étiez mal pris en Egypte, je vous ai délivrés et replantes sur un coteau plantureux, vous étiez un plan de qualité, j'attendais de vous de beaux raisins et vous m'avez donné de mauvais, je ne comprends pas', semble dire Dieu. Eh bien, je vais vous apprendre que cela n'aurait pas dû de passer ainsi”.
¹³ “À l'occasion de la Journée mondiale des Missions, je voudrais vous inviter à réfléchir sur l'urgence qui demeure d'annoncer encore l'Évangile à notre époque”.

oportuno (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50).

Por vezes encontramos em uma argumentação: “assuntos controversos, em que os prós e os contras encontram-se amiúde defensores igualmente hábeis e, aparentemente, igualmente honrados” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50). É necessário que o orador, quando argumentando com seu auditório, em determinados momentos, cale as paixões que são próprias dele, de modo que haja uma consideração objetiva. E, em outros momentos, que excite essas paixões, emocione os ouvintes, de modo que se determine uma adesão suficientemente intensa. Uma narração deve ser examinada, sobretudo, em seus efeitos práticos, “voltada para o futuro, ela se propõem a provocar uma ação ou uma preparação para ela, atuando por meio discursivo sobre espíritos dos ouvintes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 53).

Podemos observar os efeitos da argumentação no seguinte trecho:

É uma parábola que lembra as relações de Deus com a humanidade, portanto, com qualquer um de nós. Para essa festa, ele convida todos aqueles que seus servos encontram pelo caminho. Tanto os maus quanto os bons”¹⁴ (GOBET, 2008, tradução nossa).

Temos, nesse trecho, uma tentativa de aumento da intensidade da adesão, uma vez que o orador pretende excitar a paixão do auditório para com Deus, mostrando-lhes o amor doador por Ele.

No gênero epidíctico, o orador tem como finalidade “tratar do elogio ou da censura, tendo apenas de se ocupar com o que é belo ou feio” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 54). Dessa forma, enquanto no discurso judiciário e político entre os adversários acontecem grandes debates, no epidíctico encontra-se

um orador solitário [...] Que se contentava em fazer circular sua composição escrita, apresentava um

¹⁴ “Il s’agit d’une parabole évoquant les relations de Dieu avec l’humanité, donc avec chacun d’entre nous. A cette Il invite tous ceux que ses serviteurs rencontrèrent sur leur chemin. Les mauvais comme les bons”.

discurso ao qual ninguém se opunha, sobre matérias que não pareciam duvidosas e das quais não se viam nenhuma consequência prática” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 53).

Assim, num primeiro momento, podemos entender que esse gênero tinha como pretensão mais a literatura do que a argumentação. No entanto, há a argumentação e esta “se propõe a aumentar a intensidade da adesão a certos valores, sobre os quais não pairam dúvidas quando considerados isoladamente” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 56). No gênero epidíctico, encontra-se por parte do orador uma apelação com mais facilidade a uma ordem universal. Tal gênero pode ser exemplificado no seguinte trecho:

Não, esses dias não são tristes no vinhedo. A estação foi muito favorável às uvas - assim me parece; é então tempo da alegria: a colheita [está lá]. Das margens vibrantes do Rhône às do Léman, na região do Comando [Mandement] e arredores, saibam dar graças pelo fruto da terra, do céu e do vosso trabalho¹⁵ (DEMIERRE, 2008, tradução nossa).

Com isso, percebemos a grande proximidade entre o orador epidíctico e um educador, uma vez que aquele também se propõe a promover valores que são objeto de uma comunhão social e que, apesar de saber da boa vontade de seu auditório, precisa possuir um prestígio reconhecido. Na educação, independente de seu objeto, pressupõe que o orador vai utilizar-se “nem sempre de verdades expressas, ou que seja teses aceitas por todos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 59). Assim, nessa argumentação, o orador não vai se adaptar aos seus ouvintes, mas, com o auxílio de seus argumentos, proceder de forma que seus ouvintes adotem suas teses.

Podemos ver a educação no seguinte trecho: “o amor que faz a relação com Deus. O ponto entre a terra e o céu”¹⁶ (GOBET, 2008, tradução nossa). Isso uma vez que a intenção do orador é a de tentar fazer o outro adquirir valores.

“A argumentação é uma ação que tende sempre a modi-

¹⁵ “Non ces jours ne sont pas tristes dans le vignoble. La saison fut plutôt favorable au raisin, me semble-t-il; c'est donc les temps de joie: la récolte est là. Des rives valaisannes du Rhône à celles du Léman, dans la région du Mandement et tailleur, Sanchez rende grace pour le fruit de la terre, du ciel et de votre travail”.

¹⁶ “L'amour qui fait la relation avec Dieu. Le pont entre la terre et le ciel” (GOBET, 2008).

ficar um estado de coisas preeexistentes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 61). Conforme há no dirigente de um grupo, o desejo de influenciar os pensamentos de seus membros, haverá um aumento no número de encontros e o primeiro muito provavelmente usará de ameaça ou coerção na tentativa de submeter os recalcitrantes aos discursos que os impregnarão de valores comunitários. Com isso, percebemos que de fato pode existir uma tentativa de obter os resultados desejados através da violência. Porém, há também de se levar em conta que o mesmo pode ser conseguido através do discurso que visa à adesão dos espíritos. Para tal, utiliza-se a argumentação, a qual “supõe o estabelecimento de uma comunidade dos espíritos que, enquanto dura, exclui o uso da violência” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 61).

Aristóteles aconselha que “não se deve sustentar nenhuma proposição que seja improvável ou contrária a consciência” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 63). No entanto, “o acordo unânime sobre certas proposições pode tornar muito difícil pô-las em dúvida” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 63). Terá um rompimento com a comunhão social aquele indivíduo que mantém uma opinião que se afasta da de todos os outros. E o que se vê muitas vezes é a punição severa de questionamentos sobre decisões tomadas de acordo com essa comunhão social.

Há que acrescentar, aliás, que é raro, na vida social, que o prosseguimento de uma discussão seja, de modo incontestável, permitido ou vedado. Existe toda uma zona intermediária entre a interdição absoluta de prosseguimento e a permissão incondicional de prosseguimento: essa zona é regida em grande parte por tradições, por costumes extremamente complexos. Este é um aspecto não descurável da vida de uma comunidade (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 65).

No trecho: “o Cristo vem anunciar um Deus que não recrimina ninguém pelo seu passado, mas que dá oportunidade a todos”¹⁷ (GOBET, 2008, tradução nossa), observa-

¹⁷ “Le Christ vient annoencer um Dieu qui n'enferme personne dans son passé mais qui donne as chance à tous”.

mos certa violência na argumentação ao entender que essa oportunidade se refere aos ouvintes aderirem ao que é dito.

O ponto de partida dos raciocínios e como eles se desenvolvem está pressuposto tanto no desenvolvimento como no ponto de partida da argumentação. A análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente permitido pelos ouvintes. De qualquer forma, pode ocorrer a recusa do auditório em aceitar as premissas da argumentação do orador seja pelo caráter unilateral na escolha das premissas, seja por se contrariar com o caráter tendencioso da apresentação das mesmas. Como apresentado no exemplo a seguir: “neste domingo, Madre Maria Bernarda Bütler é declarada santa”¹⁸ (GOBET, 2008, tradução nossa). Os tipos de acordo são verificados no que tange ao papel que desempenham no processo argumentativo. A análise será realizada a partir do agrupamento desses elementos em duas categorias - uma relativa ao real - que diz respeito aos fatos, às verdades e às presunções, o que se caracteriza sob o ponto de vista da argumentação, por uma pretensão da validade do auditório universal; e a que é relativa ao preferível - as hierarquias e os lugares do preferível - que será ligada a um ponto de vista determinado, que só podemos identificar com o de um auditório particular por mais amplo que seja.

Inicialmente, trataremos o fato caracterizado unicamente pela ideia que se tem de certo gênero de acordos a respeito de certos dados, que supõem acordo do auditório universal. A adesão ao fato não será, para o indivíduo, senão uma reação subjetiva a algo que se impõe a todos, o que não significa que a intensidade, generalidade ou justificação dessa adesão tenha que aumentar.

O acordo é suscetível de ser questionado, recusando-se a qualidade do fato ao que afirma o adversário, fazendo com que o acontecimento perca o estatuto de fato. Porém, existem certas condições que permitem defender o fato contra a desconfiança ou da má vontade de um adversário, o que leva efetivamente à argumentação. O fato como premissa é

¹⁸ “Em ce dimanche, Mère Maria Bernarda Bütler est déclarée sainte”.

um fato não-controverso. Tudo que dissemos até aqui sobre os fatos é aplicado também às verdades. Os fatos designam objetos de acordos precisos, limitados. As verdades são sistemas complexos, relativos às ligações entre os fatos, sejam de concepções científicas, filosóficas ou religiosas, que transcendem a experiência.

No uso geral da argumentação, percebemos que o enunciado de um fato é uma verdade e que toda verdade enuncia um fato, como demonstra o trecho a seguir: “o Cristo vem anunciar um Deus que não recrimina ninguém pelo seu passado, mas que dá sua oportunidade a todos”¹⁹ (GOBET, 2008, tradução nossa). Porém, a utilização de fatos e verdades não ocorre da mesma maneira como ponto de partida para a argumentação, pois, presumimos que somente um dos dois goze plenamente do acordo do auditório universal.

As presunções são em geral admitidas pelo auditório universal, mas a adesão a elas é limitada e uma vez que ocorra, espera-se o reforço por outros elementos. A justificação de um fato pode ocasionar a diminuição de seu estatuto, o que não ocorre com a argumentação, podendo ser utilizada uma argumentação prévia. Um exemplo de presunção é a de que para uma categoria de comportamentos, existe um aspecto considerado normal, que pode servir de base aos raciocínios. Destacamos que deve ser considerado o modo e não a média da presunção à qual se refere e que todas as presunções baseadas no normal implicam um acordo acerca desse grupo de referência. Embora as presunções ligadas ao normal sejam um objeto de acordo, é preciso ademais, haver um acordo subjacente quanto ao grupo de referência desse normal.

Uma vez que os fatos, as verdades e as presunções sejam caracterizadas pelo acordo do auditório universal, alguns objetos de acordo pretendem apenas a adesão do auditório particular, sendo estes: os valores, as hierarquias e os lugares do preferível. O acordo acerca de um valor pressupõe - estando esse valor relacionado a um objeto,

¹⁹ “Le Christ vient annoncer un Dieu qui n'enferme personne dans son passé mais qui donne sa chance à tous”.

um ser ou um ideal - que o exercício da ação ou a disposição à ação tenha uma influência determinada, o que se pode alegar numa argumentação.

Os valores intervêm em todas as argumentações em um dado momento. Nas ciências, o valor como raciocínio busca um caráter de verdade; nos campos: jurídico, político, filosófico, os valores intervêm como base de argumentação. Eles são usados para motivar o ouvinte a fazer certas escolhas e para justificá-las, de modo que se tornam aceitáveis por outrem. Como no trecho:

Num clima de desconfiança, Jesus assim disse, que está de acordo com a Lei: ‘Tu amarás o Senhor teu Deus de todo o seu coração...e...tu amarás teu próximo como a tu mesmo.’ Um clima de confiança lhe permitiria anunciar, de outra vez, o mesmo mandamento: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”²⁰ (DEMIERRE, 2008, tradução nossa).

Os valores não podem ser negados ou subtraídos. Podem ser desqualificados, subordinados ou interpretados, mas não podem ser rejeitados sob pena de caracterizar o domínio da força e não mais o da discussão. O trecho apresentado ilustra esse conceito: “Evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, sua mais profunda identidade”²¹ (BENOÎT XVI, 2008, tradução nossa). Os valores são comparados aos fatos. Como já destacado, os valores relacionam-se à adesão do auditório particular. Mas, o que dizer dos valores universais ou absolutos tais como: o verdadeiro, o bem, o belo, o absoluto? Só se pode considerá-los válidos para um auditório universal com a condição de não lhes especificar o conteúdo, sendo que, a tentativa de precisá-lo faz com que adentremos no campo do auditório particular. O auditório real poderá considerar-se tanto mais próximo de um auditório universal quanto mais o valor particular parecer apagar-se ante o valor universal por ele determinado.

É necessário, neste momento, trazermos a distinção fun-

²⁰ “Dans un climat de défiance Jésus dirá ceci, qui est conforme à la Loi: ‘Tu aimeras le Seigneur ton Dieu de tout ton coeur...et... tu aimeras ton prochain comme toi-même.’ Um climat de confiance lui permettra d’annoncer autrement ce même commandement: ‘Aimez-vous lés uns lés autres, comme jé vous ai aimés’”.

²¹ “Evangéliser est la grâce et la vocation propre de l’Église, son identité la plus profonde”.

damental entre valores abstratos e valores concretos. O concreto se vincula a um ente vivo, a um grupo determinado, a um objeto particular quando o examinamos em sua unicidade, em que desvelar o caráter único de uma coisa é valorizá-la pelo próprio fato. Existem alguns valores que não podem ser concebidos senão em comparação com valores concretos (abstratos - parábola). Seja qual for o valor dominante numa determinada cultura, buscamos sempre apoiar-nos ora nos valores abstratos, ora nos concretos, sendo que, às vezes, é difícil perceber o papel representado por uns ou outros. O que verificamos no trecho descrito a seguir:

Não, esses dias não são tristes no vinhedo. A estação foi muito favorável às uvas - assim me parece; é então o tempo da alegria: a colheita [está lá]. Das margens vibrantes do Rhône às do Le Man, na região do Comando [Mandement] e arredores, saíram dar graças pelo fruto da terra, do céu e do vosso trabalho²² (DEMIERRE, 2008, tradução nossa).

O que é valor concreto, em certos casos, nem sempre o é. Para declarar que um valor seja concreto, cumpre examiná-lo sob seu aspecto de realidade única, e forçar um ser a aceitá-lo constitui uma tomada de decisão arbitrária. Os valores abstratos podem ser utilizados para a crítica por não levarem em consideração pessoas e fornecerem critérios a quem quer modificar a ordem estabelecida. Os valores concretos sempre podem harmonizar-se: se o concreto existe, é por ser possível, é por proporcionar certa harmonia. Em contrapartida, os valores abstratos, levados ao extremo, são inconciliáveis: é impossível conciliar no abstrato virtudes como a justiça e a caridade.

A argumentação baseia-se não somente em valores concretos e abstratos, mas também, nas hierarquias. Um bom exemplo de hierarquia é a superioridade dos homens sobre os animais. Segundo Scheler: “os valores podem hierarquizar-se de acordo com os seus suportes”. Conclui-se, que os valores relativos às pessoas são, por sua própria

²² “Non ces jours ne sont pas tristes dans le vignoble. La saison fut plutôt favorable au raisin, me sanble-t-il; c'est donc le temps de la joie: la récolte est là. Des rives valaisannes du Rhône à celles du Léman, dans la région du Mandement et ailleurs, sachez rendre grâce pour le fruit de la terre, du ciel et de votre travail”.

natureza, superiores aos valores relativos às coisas. São dois os aspectos das hierarquias: os concretos, como a superioridade dos deuses sobre os homens; e os abstratos, como as que expressam a superioridade do justo sobre o útil.

Meu povo - minha vinha - vós que estáveis escravizados no Egito eu vos libertei e replantei numa colina fértil, vós estáveis num bom plano de qualidade, eu esperava de vós belas uvas e vós me destes as ruínas²³ (DEMIERRE, 2008, tradução nossa).

Segundo Plotino, todos os elementos do real formam uma hierarquia sistematizada, devendo o que é causa e princípio ocupar uma posição superior ao que é efeito ou consequência. A intensidade da adesão a um valor, em comparação com a intensidade com a qual se adere a outro, determina entre esses valores uma hierarquia que se deve levar em conta, sendo que essas hierarquias não impedem a relativa independência dos valores.

Conclusão

As religiões, decerto, ousam. A ousadia do fenômeno religioso se desdobra em argumentos que tendem a fazer de seu discurso uma fala da verdade incontestável. No âmbito das filosofias e das ciências, a verdade aparece relativizada. No entanto, no discurso religioso, ela vem significada como uma possibilidade. Ao propormos uma análise argumentativa do discurso religioso, estamos necessariamente apontando para as estratégias utilizadas pelos oradores a fim de obterem a adesão do auditório sobre suas ideias. As estratégias discursivas denotam seu oposto: uma sociedade de disputas, silenciada pelo discurso das homilias que se esmeram em expor a cidade ideal, aquela símbolo de uma Jerusalém imaginada e que serviria de base para a construção da cidade dos homens. O paralelo não é novo: está presente no discurso da patrística que demonstrava a decadência do pecado sobre o domínio da virtude. Esse discurso

²³“Mon peuple – ma vigne – vous étiez mal pris en Egypte, je vous ai délivrés et replantés sur un coteau plantureux, vous étiez um plan de qualité, j'attendais de vous de beaux raisins et vous em donnez de mauvais”.

desdoblado nas homilias, na análise de seus argumentos, faz o mesmo, procurando admoestar os ouvintes acerca das mais diversas possibilidades da compreensão de uma civilização cristã.

Ao estudarmos os elementos argumentativos constantes nas homilias, podemos entrever uma disputa entre as duas cidades: a humana e a divina. A regra geral, segundo nossas percepções, é demonstrar a instituição religiosa como aquela capaz de fazer realizar, pela via do discurso, uma adesão às palavras e principalmente um controle social pelo qual os recalcitrantes são continuamente convocados a participar da organização urbana proposta pela religião.

A proposta foi aproximarmos de um discurso controlado para perceber as estratégias utilizadas pelos autores a fim de tentar manter uma coesão interna. Essa, por si mesma, seria capaz de designar uma coesão externa, caso o auditório se proponha a aceitar os argumentos que o convence a concordar com o direcionamento da Igreja como capaz de conduzir a sociedade a um lugar seguro. Certo é que as críticas se fizeram possíveis e presentes. Um desdobramento do projeto levaria a um confronto desses argumentos com as ideias psicanalíticas a fim de relativizá-los diante de outra postura que se mostra necessária para uma melhor compreensão dos mesmos textos.

Referências

BÍBLIA HEBRAICA. Torá. *Gênesis*. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. Baseada no hebraico e à luz do Talmud e das fontes judaicas. São Paulo: Sêfer, 2006. cap. 3, p. 12-13.

BENTO XVI (Papa). Message de Benoît XVI pour la Journée Mondiale des Missions 2008. In: *Des homilies*. Paroisse Notre Dame de Genève. 2008.

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV-XVIII*: as estruturas do cotidiano - o possível e o impossível. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DEMIERRE, M. Pour un climat d'amour. 2008. In: *Des homilies*. Paroisse Notre Dame de Genève. 2008.

FREUD, S. (1929) O mal-estar na civilização. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GOBET, P. Um homme avait deux tilss. In: *Des homilies*. Paroisse Notre Dame de Genève. 2008.

PEDROSA, C. E. F. *Discurso religioso: funções e especificidade*. v. 1. Rio de Janeiro: SOLETRAS (UERJ), 2007. Disponível em: <www.filologia.org.br/soletras/13/04.htm>. Acesso em: 24 nov. 2010.

ANEXOS

ANEXO A



PAROISSE NOTRE-DAME

27/28 septembre 2008

26e dimanche/ Année A

Un homme avait deux fils

L'évangile de ce dimanche nous propose cette parabole : un père envoie ses deux fils travailler à sa vigne (*Mt 21,28,32*). Le premier refuse pour y aller ensuite. Le deuxième accepte mais finalement n'y alla pas. Lequel a fait la volonté du père demande Jésus. La réponse est vite trouvée.

Le contexte religieux qui amène le Christ à énoncer cette parabole est très polémique. Il vient de chasser les vendeurs du Temple et la passion est toute proche. Il est saisi par l'idée qu'il sera rejeté par ceux-là même qui auraient dû l'accueillir : les chefs religieux notamment, les pharisiens et tous ceux qui se prétendent fidèles à la loi de Moïse. C'est le deuxième fils de la parabole qui les représente. Le premier lui nous renvoie aux publicains, ces collecteurs d'impôts que l'on juge pécheurs, aux prostituées, à tous ceux et toutes celles qui ne sont pas en conformité avec la Loi. Mais eux sont capables d'entendre le message de Jean-Baptiste ainsi que celui de Jésus et de se « convertir ».

La « conversion ». Le maître-mot de Jésus. C'est la capacité de modifier sa route. C'est la joie d'accueillir Dieu au cœur de sa vie, comme le fit Zachée. Le Christ vient annoncer un Dieu qui n'enferme personne dans son passé mais qui donne sa chance à tous. Il nous révèle un Dieu d'amour qui ne nous voit pas figés dans nos erreurs mais qui nous voit en devenir. Que signifie alors la « conversion » ou le « repentir » si ce n'est s'ouvrir à la miséricorde et aller vers plus de vie ? Nous sommes à la fois le premier et le deuxième fils de la parabole. Auxquels des deux allons-nous donner le plus de place en notre vie ?

abbé Pascal Gobet

ANEXO B



PAROISSE NOTRE-DAME

4/5 octobre 2008

27e dimanche/ Année A

Tristesse dans la vigne

Non ces jours ne sont pas tristes dans le vignoble. La saison fut plutôt favorable au raisin, me semble-t-il ; c'est donc le temps de la joie : la récolte est là. Des rives valaisannes du Rhône à celles du Léman, dans la région du Mandement et ailleurs, sachez rendre grâce pour le fruit de la terre, du ciel et de votre travail. Comme le faisait François d'Assise dont c'est aujourd'hui la fête.

L'Evangile de ce dimanche parle de la tristesse dans la vigne-symbole-du-Royaume. Confiance pourtant, car avec le Seigneur comme maître de la vigne, il y aura toujours un espace pour la joie. Dans la vigne les cris de tristesse céderont tôt ou tard la place aux « Alleluia ».

Mais, pourquoi la tristesse présente ? « Mon peuple – ma vigne – vous étiez mal pris en Egypte, je vous ai délivrés et replantés sur un coteau plantureux, vous étiez un plan de qualité, j'attendais de vous de beaux raisins et vous en donnez de mauvais », je ne comprends pas, semble dire Dieu. « Eh bien, je vais vous apprendre que cela n'aurait pas dû se passer ainsi ».

La parabole de Jésus constate à son tour : quand arrive le moment de la vendange, le vigneron qui s'attend à une belle récolte découvre que ses employés ont l'œil sur le fruit abondant : ils veulent se l'approprier, et sont prêts à tuer pour hériter du domaine. Ils veulent accaparer ce qui n'est pas à eux – on sait, par une autre parabole, que le maître rémunère ses ouvriers avec justice -, ça ne marche pas ainsi et leur outil de travail leur sera retiré pour être confié à des gens plus honnêtes : « Il donnera la vigne en fermage à d'autres vignerons qui en remettront le produit en temps voulu ». (Mt 21, 33-43)

Abbé Michel Demierre

ANEXO C



PAROISSE NOTRE-DAME

11/12 octobre 2008

28^{ème} dimanche du temps ordinaire (A)

Elle portait le vêtement de noce

L’Evangile de ce dimanche (*Mt22, 1-14*) présente l’histoire d’un roi qui célèbre les noces de son fils. Il s’agit d’une parabole évoquant les relations de Dieu avec l’humanité, donc avec chacun d’entre nous. A cette fête Il invite tous ceux que ses serviteurs rencontrèrent sur leur chemin. Les mauvais comme les bons. Mais dans la salle des noces Il découvre un homme qui n’avait pas le vêtement de noce. Le vêtement de noce que cet homme n’avait pas c’est l’amour qui avait déserté son cœur et qui le rendait étranger à cette fête. L’amour qui fait la relation avec Dieu. Le pont entre la terre et le ciel.

En ce dimanche, Mère Maria Bernarda Bütler est déclarée sainte. L’Eglise signifie que « le vêtement de noce » qu’elle avait reçu au jour de son baptême, en 1848, dans la petite église du village d’Auw en Argovie, n’avait pas pris un pli. Et même qu’il s’était embellie durant sa vie.

Vie extraordinaire que celle de Maria Bernarda ! Elle était animée par la spiritualité d’un saint François d’Assise et par la fougue des grands missionnaires. Devenue religieuse à 19 ans elle partit à l’âge de 40 ans, avec six autres sœurs, en Amérique de Sud. En Equateur d’abord, puis en Colombie. Là elle y fonda des écoles, des hôpitaux, des homes, vivant dans les quartiers pauvres au milieu des plus pauvres. On la nommait « la sœur poubelle de Colombie ». Une mère Teresa avant l’heure. Elle fonda la congrégation des Franciscaines missionnaires de Marie Auxiliatrice qui se propagea non seulement en Colombie mais aussi au Brésil et en Autriche.

Elle mourut le 19 mai 1924 à Carthagène en Colombie sans avoir revu son pays d’origine. Elle avait 76 ans. Ses restes furent placés, le 16 mai 1956, à la chapelle de la Providencia de cette ville. Le renom de sa sainteté accompagne Mère Maria Bernarda depuis sa mort et chaque année des milliers de pèlerins se rendent à son tombeau en sollicitant son aide. Et bon nombre d’entre eux affirment qu’ils ont été exaucés.

abbé Pascal Gobet

ANEXO D



PAROISSE NOTRE-DAME

19 octobre 2008

29e dimanche/ Année A

MESSAGE DE BENOÎT XVI POUR LA JOURNÉE MONDIALE DES MISSIONS 2008

La Journée mondiale des Missions est célébrée le 19 octobre et clôture la Semaine missionnaire mondiale dont le thème choisi cette année est : « Que votre charité se donne de la peine ». À cette occasion, Benoît XVI invite « à prendre à nouveau conscience de l'urgente nécessité d'annoncer l'Évangile ». Voici des extraits de ce message :

À l'occasion de la Journée mondiale des Missions, je voudrais vous inviter à réfléchir sur l'urgence qui demeure d'annoncer encore l'Évangile à notre époque. Le mandat missionnaire continue d'être une priorité absolue pour tous les baptisés, appelés à être « serviteurs et apôtre du Christ Jésus » en ce début de millénaire... « Evangéliser est la grâce et la vocation propre de l'Église, son identité la plus profonde ». Comme modèle de cet engagement apostolique, je voudrais indiquer en particulier saint Paul, l'Apôtre des nations, puisque nous célébrons cette année un jubilé spécial qui lui est consacré. C'est l'Année paulinienne qui nous offre l'opportunité de nous familiariser avec cet insigne Apôtre, qui eut pour vocation de proclamer l'Évangile aux Gentils ...

Chers frères et sœurs, que la célébration de la Journée mondiale des Missions vous encourage tous à prendre à nouveau conscience de l'urgente nécessité d'annoncer l'Évangile. Je ne peux pas ne pas relever avec une vive satisfaction la contribution des œuvres pontificales missionnaires à l'action évangélisatrice de l'Église. Je les remercie pour le soutien qu'elles offrent à toutes les communautés, en particulier aux plus jeunes d'entre elles. Tout en confiant au Seigneur le travail apostolique des missionnaires, des Églises dispersées dans le monde et des fidèles engagés dans diverses activités missionnaires, et en invoquant l'intercession de l'apôtre Paul et de la Très Sainte Vierge Marie, « la vivante Arche de l'Alliance », Etoile de l'évangélisation et de l'espérance, je donne à tous ma Bénédiction apostolique.

BENOÎT XVI

ANEXO E



PAROISSE NOTRE-DAME

25/26 octobre 2008

30^{ème} dimanche du temps ordinaire (A)

Pour un climat d'amour

Au temps de Jésus, la tradition avait identifié plusieurs centaines de règles dans la Loi de Moïse: le nombre d'interdictions dépassait largement celui des préceptes positifs.

Aujourd'hui, toutes ces règles pourraient être enregistrées sur une seule clé USB, permettant à un ordinateur de restituer en un clic ces préceptes.

Mais quelle clé pourra discerner les critères d'application à telle ou telle situation de vie personnelle ou collective? Qui donnera le sens de la loi? Les prophètes et les sages furent ces clés pour comprendre et finalement on estima que la loi se résumait à une règle d'or: "Ne fais pas à autrui ce que tu ne voudrais pas que l'on te fasse."

Vint Jésus. Son comportement au milieu des croyants montre son respect de la loi et des usages traditionnels; il reconnaît l'autorité des prêtres... " Je ne suis pas venu abolir, mais accomplir... perfectionner." (Mt (5'17) Deux moments-clés de la vie du Christ, nous donnent deux paroles-clés de l'Evangile qui mettent l'amour au centre des commandements et qui permettent à Jésus d'éviter les paraboles inutiles autour de la loi.

Mais ces instants de vie sont profondément marqués par le climat relationnel dans lequel Jésus s'exprime. Dans un climat de défiance Jésus dira ceci, qui est conforme à la Loi : " Tu aimeras le Seigneur ton Dieu de tout ton coeur...et... tu aimeras ton prochain comme toi-même." Un climat de confiance lui permettra d'annoncer autrement ce même commandement: "Aimez-vous les uns les autres, comme je vous ai aimés."

Sa Parole, une clé pour instaurer un climat d'amour?

abbé Michel Demierre

Voices of *Notre-dame*: the strategies of religious discourse in the urban organization

Abstract

It is necessary to talk about cities. It will never be sufficiently talked about them. Their constitutive space, public buildings, *boulevards*, alleys, ghettos and suburbs are continuously covered by a significant character, without which the urban can not be understood. The city is polysemous. There is not a unique sense capable of containing its significances. However, to direct this research, we chose one of the city's significant: the margins. The Occident has a certain obsession for boundaries. The *civitas* is formed from a more or less clear comprehension between two opponents: one which is inured to the city and another which is the reverse. Well, among the various discourses which pass by the urban formation, one of them is the religious. Religion presents itself as an institution capable of promoting the inclusion of those who stand back from an ideal spread. The purpose of this article is to analyze the religious discourse from its argumentative strategies so that we can make a plan which allows us to understand the urban space.

Keywords: City; discourse; argumentation; suburb.

Artigo recebido em: 12/01/11
Aprovado para publicação em: 24/05/11